

## **Braguinha: o silêncio dos tambores**

Paulo Gadelha  
desembargador federal do  
TRF da 5ª Região

Na pia batismal, na cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, ficou registrado o nascimento de Carlos Alberto Ferreira Braga.

Era o dia 29 de março de 1907.

No mundo artístico, porém, dois nomes compuseram mais de seiscentas músicas: Braguinha e João de Barro.

Braguinha – é o óbvio – o jeito “carinhoso” como era conhecido; João de Barro, uma exigência heráldica do pai, à época diretor da Fábrica de Tecidos Confiança, em Vila Isabel, bairro onde, aos 11 anos, com os pais, foi morar.

Na história telúrica do Rio de Janeiro, a Vila sempre foi o espaço da música e o território da boemia.

Logicamente, o pai, executivo de projeção que era, não permitia que o seu sobrenome se misturasse às emoções do samba e às alegrias dos botequins.

Braguinha, disciplinado e obediente, optou pelo pseudônimo de João de Barro, numa poética homenagem, com certeza, ao pássaro-arquiteto.

Em 1929, ano que adotou o apelido de João de Barro, funda o grupo musical – Bando de Tangarás – integrado por ele, Noel Rosa, Almirante, Alvinho e Henrique Brito.

O amor à música, nos idos de 1931, o faz desistir do curso de arquitetura e abandonar, também, a carreira de intérprete.

Passa, em regime de tempo integral, a dedicar-se ao universo da música, até tornar-se, exagero à parte, no maior compositor brasileiro de todos os tempos.

Em 1937, ano em que se instaurou o Estado Novo, Braguinha firma-se no cenário artístico nacional, compondo “Balancê” e escrevendo a letra para “Carinhoso”, o hino da música brasileira, que é eternamente cantado por todas as gerações que se rendem, fascinadas, à força dos versos românticos, como: (“Meu coração, não sei porquê / bate feliz quando te vê...”).

Depois, “Balancê”, repita-se, disco lançado em 1937, na voz de Carmen Miranda, 42 anos depois, em 1979, na extraordinária interpretação de Gal Costa, virou uma explosão musical.

Infinita, pois, a procissão de sucessos de Braguinha.

Ninguém – é verdade – se mantém indiferente, quando escuta “Pastorinha”, em parceria com Noel Rosa, ou “Copacabana”, que teve a felicidade de ouvir, no Rio de Janeiro, na voz de Dick Farney, sem esquecer outros clássicos como “Anda, Luzia”, “Touradas em Madrid”, cujo lançamento

ocorreu em 1938, mas foi cantada por um coral de cem mil vozes, no Maracanã, quando o Brasil, na Copa do Mundo de 1950, goleou a Seleção da Espanha por 6 a 1.

“Chiquita Bacana” e “Dama das Camélias” formam, igualmente, duas grandes composições.

Pelo que ele fez como compositor, roteirista de filme musical, cantor, executivo de gravadora, produtor, editor, merece as homenagens de todos os brasileiros.

Concordo integralmente com a cantora Nana Caymmi, quando, lamentando a morte de Braguinha, disse, logo que soube do seu falecimento: “Hoje o céu está em festa. Deus quis ouvir Carinhoso de perto”.

E mais, mestre Braguinha, você repetia sempre: “A vida só gosta de quem gosta dela”. Nós gostamos de tudo o que você nos legou, sobretudo o amor “Carinhoso” que você tinha pela vida.